

A lei 10.639/2003 e a I Semana da Consciência Negra do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos: um relato de experiência

Sírlev Cristina Oliveira¹. Valeriê Cardoso Machado²

Resumo

O presente texto tem como propósito apresentar um relato de experiência sobre a I Semana da Consciência Negra realizada no Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, em novembro de 2007. O objetivo maior desta Semana foi efetivar a legalidade da Lei 10.639/2003, que prevê a inclusão da história e da cultura afro-brasileira nos currículos e programas das escolas do País.

Palavras-chave

Legislação. Consciência Negra. História. Geografia.

1. Doutoranda em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, professora de História do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Campus Ituiutaba. E-mail: sirlev@iftrianaulo.edu.br.

2. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, professora de Geografia do Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos. Email: aeo.vale@gmail.com.

Law 10.639/2003 and first week about black consciousness at Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos: a narrative about an experience

Sirlev Cristina Oliveira*. Valeriê Cardoso Machado**

Abstract

The current article aims to present a narrative about an experience during the First Week about Black Consciousness Day at Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos in November 2007. The main goal of that Week celebration was to make effective the law 10.639/2003 which refers to the inclusion of Afro-brazilian history and culture into curriculum contents and school programs all over the country.

Keywords

Legislation. Black Consciousness. History. Geography.

* Pursuing the doctor's degree in Social History at Universidade Federal de Uberlândia. History teacher at Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Campus Ituiutaba. E-mail: sirlev@iftrianaulo.edu.br.

** Pursuing the doctor's degree in Geography at Universidade Federal de Goiás. Geography teacher at Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos. E-mail: aeo.vale@gmail.com.

Introdução

A ideia de promover um evento acadêmico que discutisse a questão dos afrodescendentes no Brasil surgiu de um grave problema existente não só no Instituto Federal Goiano, mas na maioria das Escolas Técnicas Profissionalizantes: os currículos dessas escolas, bem como as atividades pedagógicas por elas desenvolvidas, se ocupam em grande demasia na valorização de um conhecimento técnico, mecanicista e prático, em prejuízo de uma formação humana, política e reflexiva dos discentes. Neste modelo de educação, os fundamentos da formação do técnico profissional estão intimamente relacionados com os princípios mercantilistas, com as leis da livre concorrência do mercado de produção, com a tecnologia, ou seja, com o lucro. Notavelmente, não existe espaço para uma formação humanística que perceba o homem em sua realidade concreta³.

No âmbito desta ideologia, os discentes que estão em plena formação perdem de vista as contradições da sociedade, não identificam os problemas advindos da desigualdade social, da corrupção política, da deslealdade da livre concorrência no mercado e, muito menos, se reconhecem enquanto sujeitos de um processo histórico em plena construção. Com efeito, passam a naturalizar qualquer tipo de situação constrangedora a que o indivíduo está submetido na sociedade.

A supervalorização da técnica em detrimento de uma formação humanística, no

Campus Morrinhos, pode ser materializada na seguinte constatação: depois de decorridos quatro anos da promulgação da Lei 10.639, de 2003, a instituição ainda não havia se mobilizado para a realização de algum evento ou discussão sistematizada sobre o tema da África e da cultura afro-brasileira. Assim, as questões ligadas ao preconceito racial, à ideologia da democracia racial, os problemas sociais intimamente ligados aos afrodescendentes no Brasil eram tratados como temas secundários, sem importância para a formação de um técnico em Informática, em Agroindústria, em Zootecnia ou em Agricultura, que procuram apenas a sua inclusão no mercado de trabalho.

Foi diante dessa problemática que as áreas de História e Geografia se mobilizaram para promover a I Semana da Consciência Negra do Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos. Extraordinariamente, a Semana possibilitou a discussão e o resgate de temas e problemas ligados à questão afro-racial e procurou reconhecer a importância dos africanos e de seus descendentes na construção da história e na formação do povo brasileiro. Ademais, foi possível discutir, entre tantos temas polêmicos: a história e a cultura dos povos africanos; a desmistificação da escravidão brasileira (os escravos que habitavam a colônia brasileira e as diferentes formas de resistência contra a escravidão), a falsa democracia racial no Brasil e o trabalho de líderes, artistas e pensadores negros

3. As restrições ao modelo de educação essencialmente técnico das escolas profissionalizantes foram repensadas por vários intelectuais. A obra "Ensino Médio Integradado: concepção e contradições" apresenta uma série de artigos que criticam o caráter tecnicista da educação e da formação profissionalizante dos discentes das Escolas Técnicas. O objetivo central do livro é discutir as possibilidades e os desafios na organização do currículo do ensino médio integrado ao ensino técnico sob os seguintes pressupostos: a) que conceba o sujeito como ser histórico-social concreto capaz de transformar a realidade em que vive; b) vise à formação humana como síntese de formação básica e formação para o trabalho; c) tenha o trabalho como princípio educativo no sentido de que o trabalho permite, concretamente, a compreensão do significado econômico, social, histórico, político e cultural das ciências e das artes etc. Ver: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS Marise (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

que marcaram a história, o pensamento político e a vida artística do Brasil ao longo dos tempos.

Resultados e Discussões

A primeira atividade realizada pelos docentes de História e Geografia foi mobilizar os alunos para a percepção do preconceito racial no Brasil. A questão colocada foi a seguinte: “Brasil: o país da democracia racial - será?”⁴. Para esta mobilização, partimos das questões que foram estudadas e discutidas em classe, pois, embora diferentes setores da sociedade se mobilizem para inclusão dos afrodescendentes, muitos problemas ainda existem, por exemplo: os afrodescendentes vivem em uma situação de miséria e perversidade.

Segundo dados do IBGE, a maioria das crianças que morrem de desnutrição é negra. Elas também ocupam o primeiro lugar nos trabalhos do mercado informal (IBGE, 2000). Nessa mesma perspectiva, em 2003, a Fundação Getúlio Vargas realizou o mapa da exclusão digital no Brasil concluindo que o perfil social do excluído digital é: negro, mulato, semianalfabeto, não frequentou universidade pública, ganha menos de dois salários mínimos e ainda mora em favelas (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2007).

Atitudes racistas são constantemente divulgadas pela mídia. Em 2005, os meios de comunicação exploraram de forma abusiva e desprovida de uma discussão política o constrangimento sofrido pelo

jogador de futebol Ednaldo Batista Libânio – o Grafite – que, em plena partida, foi chamado de “macaco” por um jogador adversário (ESPORTE E SOCIEDADE, 2007).

A partir de tais questões e dados publicados por importantes instituições, ainda em sala de aula, discutimos a falaciosa democracia racial, buscando problematizar algumas questões como: “Por que, no Brasil, os afrodescendentes vivem em situação desfavorável em relação às conquistas sociais do branco? Por que o Brasil sustenta o mito da ‘democracia’ racial?”

Diante dos debates e discussões advindas das indagações anteriores, algumas hipóteses para a primeira pergunta foram lançadas pelos alunos, como: a) os afrodescendentes carregam a experiência histórica do passado ligado à escravidão, b) historicamente, foram entendidos como inferiores e aptos ao trabalho forçado, c) ainda são fortes as práticas contemporâneas de discriminação que excluem as oportunidades dos negros na sociedade; d) a banalização do preconceito e a suposta inferioridade do negro em relação ao branco. A segunda indagação foi respondida como: a) porque quer vender a imagem de um país harmônico, sem contradições e conflitos, cujas oportunidades são para todos independente da cor, da classe social, da opção sexual.

O senso comum cultiva dizeres que constroem a imagem, a índole, a etnia e até a capacidade intelectual da pessoa negra, como os seguintes exemplos, ainda tão presentes na

4. Para respondermos a esta questão nos fundamentamos na sugestiva obra: “O racismo na história do Brasil”. Neste livro a autora problematiza com veemência o mito da democracia racial no Brasil. Observe: “O Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião. (...) Mas será que este paraíso racial realmente existe? Procure olhar em sua volta. Como vivem, onde e em que trabalham os brancos, os negros, os mulatos e os indígenas brasileiros? A que grupo racial pertence à maioria dos meninos de rua? Quantos médicos, professores universitários, padres, engenheiros, gerentes de bancos, militares, industriais, políticos ou apresentadores de televisão você conhece que sejam negros, mulatos ou indígenas? (...) Quantos personagens das novelas ou anúncios não são brancos? Qual o papel que, na maioria das vezes, os negros ou mulatos assumem? (...) No Brasil há um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial. Tal mentalidade, se pensarmos bem, é tão perigosa quanto aquela que é assumida, declarada. O racismo camuflado é traçoeiro: não se sabe exatamente de onde vem. Tanto pode se manifestar nos regimes autoritários quanto nas democracias”. Ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade.** São Paulo: Ática, 1994.

linguagem dos brasileiros: “vê se não faz serviço de preto menino!”; “ovelha negra da família”; “ele é um negro com alma de branco”; “ele é um negro tão bonito”; “é um negro asseado”.

Assim, diante desta constrangedora realidade detectada com os alunos, a primeira Semana da Consciência Negra do Instituto Goiano Câmpus Morrinhos delineou os seus objetivos: a) romper com a ideia de que a África é apenas um continente de pobreza e miséria; b) identificar a África como um locus de cultura e símbolo de identidade cultural; c) problematizar o mito da democracia racial no Brasil; d) localizar de que forma o “conformismo” racial se faz presente na mídia, na escola, nas relações familiares etc.; e) valorizar a originalidade e a diversidade da cultura afro para a formação do povo brasileiro.

Assim, a primeira atividade contemplada na Semana da Consciência Negra foi a exibição do documentário “Vista Minha Pele” (Brasil, 2003)⁵, que possibilitou discutir as seguintes questões: O que é preconceito? O que é racismo? Quem são as vítimas de racismo no Brasil? Como combater o racismo e o mito da democracia racial? O preconceito racial existe na escola?

O documentário “Vista Minha Pele” pode ser visto como a representação da realidade brasileira, por colocar em cena o racismo e o preconceito vivenciados por jovens adolescentes no ambiente escolar. A realidade e os problemas entre negros e brancos é mostrada de forma invertida: os negros são a classe dominante e os brancos são os excluídos socialmente que foram escravizados no passado. Ainda nesta história invertida, os países pobres são as grandes potências mundiais

– Alemanha e Inglaterra – e os países ricos são, respectivamente, África do Sul e Moçambique.

A personagem principal da trama é Maria, uma menina branca e pobre que estuda devido à concessão de uma bolsa de estudos em uma escola particular cujos alunos são ricos e negros. A maioria dos seus colegas a hostilizam por sua cor e por sua condição social. O grande drama da personagem é que ela quer se tornar “Miss Festa Junina” da escola, mas isso requer um esforço enorme, pois terá que driblar as estruturas da supremacia racial negra: a aversão dos colegas que não aceitam uma “miss” branca e a dificuldade em vender os bilhetes em uma escola de negros, que, no documentário, assumem o papel de opressores.

Mas a grande questão do documentário não está focada em vencer ou não vencer o concurso. Notadamente, é preciso realçar aos alunos o papel de luta e resistência da jovem Maria, sua confiança e determinação frente a situações constrangedoras de racismo.

Depois da exibição do documentário, os alunos apresentaram os resultados dos trabalhos de pesquisa acerca de várias temáticas que versam sobre as questões políticas e culturais dos negros do Brasil e sobre o resgate do continente africano a partir de sua importância histórica e diversidade cultural.

Cabe destacar que o trabalho de pesquisa realizada pelos discentes foi um dos pontos importantes da Semana da Consciência Negra do Instituto Federal Goiano - Câmpus Morrinhos. Neste trabalho, as questões ligadas à África, à escravidão do negro, ao racismo e ao preconceito, foram tratadas numa perspectiva científica baseadas, sobretudo, nos

5. Jesus (2008, p. 238), baseada em obras de Godov e Gregolin, afirma que a utilização de documentários no processo de ensino aprendizagem em sala de aula é primordial, pois “são educativos pela sua própria natureza, uma vez que eles são formas de produção do conhecimento”. A autora complementa suas ideias ao escrever que: “As implicações dos modos de representação dos documentários, que são utilizados em sala de aula, estão carregadas de sentidos, contextualizados num espaço/tempo histórico. No confronto de saber, no relacionamento entre sujeito e objeto – um sujeito histórico em contato – dá sentido a um objeto fluido implicado que, de certa forma, já faz parte do repertório desse sujeito (constante relação teoria e prática)”. Ver: JESUS, Rosane M. Vieira de. Escola e documentário: uma relação antiga. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 32, p. 233-242, dez. 2008.

fundamentos da pesquisa: tema e levantamento de problemas, hipóteses, tratamento das fontes pesquisadas e possibilidades de interpretações. Nesta dinâmica, a construção do conhecimento tornou-se mais instigante e mais próximo à realidade do aluno. Os fatos, as abordagens e interpretações ligadas à história do negro e à história da África foram compreendidos como uma construção e não como um amontoado de fatos decorados e sobrepostos.

Assim, entre as temáticas pesquisadas está “A África do negro e o negro no Brasil”, cuja preocupação estava em evidenciar a originalidade e diversidade do continente africano: a chegada do negro ao Brasil e a estruturação do sistema colonial; o comércio triangular de escravos; os diferentes tipos de escravos e a luta dos negros contra a escravidão; além do trabalho escravo na atualidade.

Este trabalho teve como pressuposto maior romper com a versão oficial tão presente nos livros didáticos de História, em que o negro é resgatado somente pelo prisma da violência, do castigo, do roubo e até da preguiça. Variavelmente, os alunos recuperaram as diferentes lutas, as diferentes formas de resistência do negro no processo da escravidão colonial que se desenvolveu em nosso país entre os séculos XVI e XIX. Assim, foram pesquisados os diversos quilombos existentes no Brasil, em especial o Quilombo do Palmares e a história do líder negro Zumbi. Outras formas de luta também foram resgatadas, como: os chás de raízes que, ao serem ingeridos pelos negros, provocavam inchacos nas juntas das mãos e dos pés, o que os impossibilitava de realizarem os trabalhos impostos pelos senhores; o aborto praticado pelas negras com o propósito de impedir

que seus futuros filhos viessem a conhecer e sofrer com as arbitrariedades da escravidão.

Além desta discussão, outro ponto fundamental desta atividade procurou descaracterizar a África do pesado fardo que carrega: pobreza, miséria e depósito de escravos do passado. Foi resgatada uma África viva, que pulsa cultura, arte, política e resistência. Ao mesmo tempo, o tema da escravidão no Brasil não foi resgatado sob o prisma da violência, dos trabalhos forçados e passividade dos negros, e sim, como a realidade de um negro sofrido, mas convicto de sua luta, de sua resistência frente aos impasses colocados pela escravidão⁶.

Outro tema que serviu de objeto de estudo aos discentes do Instituto Federal Goiano foi o “Brasil: um país racista? Ou o país da democracia racial?”. A partir dessa temática, os alunos prepararam seminários que discutiram outras questões, com o objetivo de romper com a imagem de que o Brasil é um país cordial,

harmônico e acolhedor das diferenças raciais, como: “O mito da democracia racial: o Brasil é um país racista? Como?”; “Racismo é crime!”; “Manifestações do racismo no futebol, na novela, nos livros etc.”; “O branqueamento do negro: alisamento do cabelo”; “Hábitos e valores do homem branco”; “Cadê a identidade negra?”; “A luta dos negros contra o racismo: o que é o movimento negro no país?”; “Quem é a mulher negra no Brasil?”.

Outro tema importante foi “As manifestações culturais dos afrodescendentes e a formação do povo brasileiro”. Para discutir essa temática, os alunos elaboraram um documentário abordando as músicas negras e os cantores negros nacionais e internacionais; fizeram vários cartazes que explicavam a cultura Black Power

6. Uma referência importante para a realização deste trabalho foi a obra “A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea” da pesquisadora Leila Leite Hernandez. Nesta obra, a autora desafia os preconceitos e as lacunas de conhecimento sobre a história do continente africano, mostrando-nos, sobretudo, como considerar as especificidades de cada espaço geopolítico, bem como as características e consequências históricas das diferentes políticas colonialistas das nações europeias. Assim, segundo a autora, quando se fala em África, uma pergunta fundamental precisa ser formulada: “existe uma África única, uma identidade comum a todo continente?” Ver: HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

e Rastafári; prepararam uma mesa repleta de produtos originários da culinária africana.

Com essas atividades desenvolvidas, percebeu-se que outras questões que permeiam as manifestações culturais dos afrodescendentes foram anteriormente sugeridas e totalmente contempladas, como: Identidade e Diversidade da Cultura Negra: a cultura Black Power na década de 1960; a cultura Rastafári nos anos 1970; A música negra: um estudo sobre o rap no Brasil; A influência dos hábitos alimentares do afrodescendente na culinária brasileira: feijoada, pimenta, doces, cachaca etc.; A capoeira: dança, luta e resistência à escravidão; a Congada, o maracatu etc., festas e danças negras. Essas atividades cumpriram com o seu objetivo principal: desvincular a ideia de que o negro só serviu para o trabalho, para o processo de produção da colônia.

Por fim, foi contemplada ainda nas atividades da Semana a apresentação de uma roda de capoeira seguida pela atividade de conversação. Esta atividade procurou resgatar as origens da capoeira no Brasil e seus desdobramentos na atualidade brasileira. Os integrantes do grupo conversaram espontaneamente com os alunos sobre as diferenças da Capoeira Angola e Regional; os problemas e descaracterização da capoeira nas academias, entre diversos outros assuntos.

Para o encerramento das atividades, o restaurante da escola organizou uma feijoada para todos os alunos e servidores, como forma de homenagear a influência dos hábitos alimentares africanos para a culinária brasileira.

Considerações Finais

Embora a I Semana da Consciência Negra tenha se pautado em atividades e temas bastante comuns no que tange à questão dos afrodescendentes no Brasil, ela foi para os discentes e docentes do Instituto Federal Goiano uma experiência instigante, um locus de debate e busca de possibilidades para os problemas enfrentados pelos negros brasileiros. A partir dela, os discentes começaram a perceber que o conhecimento e a formação para o mercado de trabalho também se pautam em valores políticos e filosóficos: se pautam, sobretudo, no reconhecimento, no resgate dos agentes sociais que foram e ainda são substancialmente importantes para o desenvolvimento material e intelectual do Brasil. Ademais, a I Semana da Consciência Negra do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos foi e será sempre a matriz de outras semanas que terão como mote de suas discussões a contribuição dos afrodescendentes para a história e a cultura do povo brasileiro.

Referências

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge. *Esporte e Sociedade*. Ano 2, n. 5, mar. 2007/jun. 2007. **Uma análise sobre o caso Grafite**. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es506>>. Acesso em: 12 ago. 2007.
- BENTO, Maria Aparecida. **Cidadania em preto e branco**. São Paulo: Ática, 2006.
- CAMPOS, Carmen Lucia. **A cor do preconceito**. São Paulo: Ática, 2006.
- CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Mapa da exclusão digital no Brasil**. Disponível em: <http://www.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/apresentação>. Acesso em: 11 set. 2007.
- JESUS, Rosane M. Vieira de. Escola e documentário: uma relação antiga. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 32, p. 233-242, dez. 2008.

LIBBY, Douglas Cole. **Escravidão no Brasil:** relações sociais, acordos e conflitos. São Paulo: Moderna, 2005.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NEVES, Gilberto (org.). **Educar para a igualdade:** combatendo o racismo na educação. Uberlândia: CENAFRO, 2008.

QUEVEDO, Júlio. **A escravidão no Brasil:** trabalho e resistência. São Paulo: FTD, 1999.

Submetido em 22 de março de 2010

Aprovado em 17 de junho de 2010